


MAX WEBER E A COMPREENSÃO ACADÊMICA DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO: UM BREVE ESBOÇO

MAX WEBER AND THE ACADEMIC UNDERSTANDING OF BRAZILIAN PROTESTANTISM: A BRIEF OUTLINE

Thiago Rodrigo da **SILVA**
Doutor em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
thiagohstbr@yahoo.com.br
 0000-0003-2214-5115

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

O presente artigo busca apresentar uma reflexão sobre a influência do pensamento weberiano na compreensão do denominado protestantismo histórico no Brasil. Weber esteve presente nas produções acadêmicas pioneiras sobre a temática que, foram elaboradas pelo sociólogo Cândido Procópio Ferreira de Camargo, pelo teólogo Rubem Azevedo Alves e pelo historiador Antônio Gouvêa Mendonça. Ao observar a produção desses autores, nota-se a validade das proposições do autor de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* para a compreensão da presença dos evangélicos no país. Assim, entender os pressupostos analíticos weberianos, a relação entre o protestantismo e o sistema capitalista, como também a elaboração de tipos ideais, possibilita ao estudioso da temática uma melhor compreensão da presença evangélica na esfera religiosa nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Evangélicos. Protestantismo Brasileiro. Max Weber.

ABSTRACT

This article seeks to present a reflection on the influence of Weberian thought on the understanding of the mainline Protestant denominations in Brazil. Weber was present in pioneering academic productions on the theme that were elaborated by the sociologist Cândido Procópio Ferreira de Camargo, the theologian Rubem Azevedo Alves and the historian Antônio Gouvêa Mendonça. When observing the production of these authors, we note the validity of the Weberian propositions to understand the presence of evangelicals in the country. Thus, understanding the analytical Weberian assumptions, the relationship between Protestantism and the capitalist system, as well as the elaboration of ideal types, allows the student of the theme a better understanding of the evangelical presence in the national religious sphere.

KEYWORDS: Brazilian Protestantism. Brazilian Mainline Protestant Churches. Max Weber.

1 INTRODUÇÃO

País majoritariamente católico, os protestantes se apresentam como uma minoria religiosa no Brasil há séculos. Primeiro, com as efêmeras presenças protestantes no período colonial, na “França Antártica” e no “Brasil Holandês”. Posteriormente, no século XIX, a presença protestante se tornou perene, sendo pioneiros os anglicanos ingleses que chegaram ao país com a Abertura dos Portos, seguidos pelos luteranos de idioma alemão, que vieram nas primeiras décadas do século XIX. Ao longo dos novecentos, a presença de missionários ingleses e norte-americanos, trazendo ao país denominações como as congregacionais, metodistas, batistas e presbiterianas. Mais tarde, já no século XX, temos a presença de igrejas pentecostais, como a Congregação Cristã e as Assembleias de Deus (MAFRA, 2001, p.12-49), tornando um pouco mais plural a confessionalidade cristã brasileira (PIERUCCI, 2006, p. 49-63).

A presença do protestantismo no Brasil possuiu alguma relação com o clássico *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* de Max Weber? A questão pode ser considerada como ousada para ser respondida dentro dos limites de um artigo. Assim, mais que apresentar um posicionamento radical ou respostas definitivas, busca-se sugerir, dentro dos limites de um artigo, uma reflexão sobre a questão, que se relaciona com os estudos da weberologia brasileira, assim como também dentre as investigações sobre a religião¹ realizadas pelas ciências humanas no país, apontando a inspiração weberiana de alguns dos analistas do protestantismo nacional.

Em relação às investigações de caráter empírico sobre a religião, realizadas pelas ciências humanas no Brasil, mais notadamente entre historiadores e sociólogos², Weber se tornou um autor que nos últimos anos acabou por ter sua influência, como referencial teórico, diminuída. Em especial, após morte dos dois mais talentosos sociólogos da religião de sua geração no país: Lísias Nogueira Negrão e Antônio Flávio Pierucci. Observa-se uma

¹ A inspiração para a elaboração do presente escrito foi a provocação intelectual levantada por Karina Kosicki Bellotti, uma das mais brilhantes historiadoras que na atualidade realiza pesquisa sobre os evangélicos brasileiros. No artigo *História das Religiões: Conceitos e Debates na Era Contemporânea*, ela afirmou: “Existem muitos outros pesquisadores que abordaram temas religiosos que não foram mencionados nesse texto, tais como Max Weber, Peter Berger, Marcel Mauss, que ainda são referência nos estudos sobre religiões” (BELLOTTI, 2011, p.25). Desse modo, este artigo busca apontar a importância de um dos autores que se comportaram como lacuna no texto da historiadora.

² Não estabelecendo *A Ética Protestante* como um texto da historiografia do protestantismo (MATA, 2006, p.113-126) ou sociológico (SELL, 2011, p. 173-197), apenas o estabelecendo como um texto útil para a compreensão do protestantismo no país e que pode ser utilizado como referencial teórico para profissionais das duas áreas das ciências humanas.

tendência na utilização de outros referenciais teóricos. Entre historiadores, autores ligados à denominada Escola Italiana da História das Religiões (AGNOLIN, 2008, p.13-39). Em relação aos sociólogos (mas também entre historiadores), uma ampla utilização da sociologia de Pierre Bourdieu (BOUDIEU, 2013, p.27-98), em especial, o conceito de Campo Religioso, que se inspira no capítulo *Sociologia da Religião*, de *Economia e Sociedade* (WEBER, 2004, p.179-418), mas difere da noção weberiana de esfera (WEBER, 1982, p.371-410).

Em relação à weberologia, os estudiosos sobre a recepção das ideias de Max Weber tendem a privilegiar as questões políticas, as temáticas econômicas e a relação do Estado Patrimonialista para com os indivíduos. Esse foi o itinerário intelectual percorrido por estudiosos da presença do pensamento de Max Weber no Brasil, como nos exemplos de Vamireh Chacon (CHACON, 1988, p.91-100), Astor Antônio Diehl (DIEHL, 1996, p.63-100), Jessé de Souza (SOUZA, 1998) e Sérgio da Mata (MATA, 2013, p.77-108). Em geral, Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro, José Honório Rodrigues e Vianna Moog são os principais intelectuais/ensaístas lembrados pelos analistas citados³. No caso de Jessé de Souza, apesar de seu artigo ter como título *A Ética Protestante e a Ideologia do Atraso Brasileiro*, em grande parte sua análise se pauta nos ensaios interpretativos de Raymundo Faoro e Vianna Moog sobre a realidade nacional, sendo no caso de Moog, uma tentativa de demonstração (segundo a interpretação de Jessé) da superioridade do indivíduo calvinista protestante norte-americano sobre o católico ibérico brasileiro. Não é um artigo que pensa a presença minoritária do protestantismo no Brasil, como aqui se empreita.

Como faceta “esquecida” dos especialistas das influências de Weber no cenário intelectual brasileiro, a sociologia da religião também foi um dos aspectos da recepção de Weber no país. Os estudos sobre o Movimento Messiânico do Contestado realizados na Universidade de São Paulo (USP) por Maria Isaura Pereira de Queiróz e Duglas Teixeira Monteiro, nos quais as noções weberianas de anomia social (Queiróz) e desencantamento do mundo (Monteiro) se fizeram presentes, assim como os estudos de Cândido Procópio Ferreira de Camargo sobre a esfera religiosa, não são comumente lembrados entre os analistas da trajetória das influências weberianas no pensamento brasileiro. A metáfora do

³ A tendência de relacionar as influências de Weber com as questões políticas como possibilidade de análise da recepção das ideias weberianas não é um caso exclusivo do Brasil. Entre os exemplos possíveis, pode-se citar o da Espanha, no qual a professora María Yolanda Ruano de La Fuente, da Universidad Complutense de Madrid analisou a recepção das ideias de Weber também privilegiando os aspectos políticos, separando a recepção entre os liberais e os conservadores, o que ela chamou de uma “una doble recepción” (FUENTE, 2007, p. 545-566).

segundo violino da orquestra, elaborada por Cândido Camargo e citada por seu orientando (e weberiano) Antônio Flávio Pierucci (PIERUCCI, 2011, p.14) sociólogo da religião da USP, que apontou a pouca importância da religião na sociedade contemporânea, pode explicar a razão dessa situação do esquecimento de Weber como “sociólogo das religiões”. O prestígio de Pierucci, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 possibilitou ofertar à sociologia da religião um aspecto importante para a manutenção da tradição weberiana no Brasil.

Entre os temas da sociologia da religião de matriz weberiana, o protestantismo tem grande destaque, ao ser o estudo de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, um dos textos mais afamados do sociólogo, além da presença do cristianismo como um dos vetores explicativos da sociedade ocidental no pensamento weberiano (SCHLUCHTER, 2011, p.235-324). Todavia, se no estudo do movimento messiânico do Contestado, foram utilizadas categorias de análise weberiana logo nos primeiros estudos, no que tange à História do Protestantismo Brasileiro, Weber não foi utilizado pela primeira geração dos estudiosos universitários do protestantismo histórico no país. Dois dos pioneiros intelectuais, membros da missão francesa que trabalharam na Universidade de São Paulo e que professavam fé protestante não eram (profundamente) weberianos. O historiador Emille G. Leonard, reformado francês que frequentou a Igreja Presbiteriana Conservadora foi um grande investigador, como em geral se espera de um historiador, capaz de levantar fontes e explicar as relações causais de determinados eventos. E assim o fez em um conjunto de artigos publicados na Revista de História da USP no início dos anos 1950, reunidos em 1963 em livro com o título de *Protestantismo Brasileiro: Estudo de Eclesiologia e História Social*. O antropólogo Roger Bastide, reformado francês que no Brasil frequentou a Igreja Presbiteriana Independente, era do ponto de vista da teoria social, um eclético, não tendo estudado especificamente o protestantismo, mas os rituais ligados à umbanda.

Desse modo, nossa análise se pautará em três autores que tiveram explícitas, mas não exclusivas, influências weberianas em suas análises sobre o protestantismo nacional: Cândido Procópio Ferreira de Camargo, Rubem Azevedo Alves e Antônio Gouvêa Mendonça⁴. A não exclusividade de Weber deve ser entendida na utilização de outros

⁴ O sociólogo José Jeremias de Oliveira Filho foi um dos primeiros estudiosos weberianos do protestantismo brasileiro, ao defender, na Universidade de São Paulo, tese sobre a rotinização do carisma no interior da Igreja Adventista do Sétimo Dia (FILHO, 1972). Todavia, como seu estudo ficou restrito a uma denominação, não teve ele uma maior repercussão entre os estudiosos da temática protestante. Também porque os adventistas, ao possuírem crenças distintivas, como a guarda do sábado e considerar a fundadora da denominação, a senhora Ellen White, possuidora de dons proféticos, por vezes são classificados como seita (TROELTSCH, 1987, p.134-144) pelos demais protestantes nacionais.

autores, mais notadamente Ernst Troeltsch e Paul Tillich. Ambos, ao lado de Weber, foram inspiração para os diversos autores das ciências humanas e sociais que buscaram compreender a presença da minoria protestante brasileira, autores que possuem diferenças com Weber, por serem teólogos e não sociólogos ou historiadores. Todavia, possuem reflexões úteis para as demais ciências humanas nas análises apresentadas nos livros *A Era Protestante* e *a Teologia da Cultura*, de Tillich, além de *O Protestantismo e o Mundo Moderno* e *A História Social das Igrejas Cristãs*, de Troeltsch. No que concerne à compreensão do protestantismo brasileiro, os três autores que analisaremos (Camargo, Alves e Mendonça) acabaram realizando indagações semelhantes sobre qual o papel do protestantismo na esfera religiosa nacional, tendo, como observaremos, profundas inspirações weberianas.

2 AS INFLUÊNCIAS WEBERIANAS EM CAMARGO, ALVES E MENDONÇA

Um dos pioneiros e principais intelectuais lembrados quando se trata do desenvolvimento dos estudos acadêmicos em religião no Brasil, foi Cândido Procópio Ferreira de Camargo, sociólogo que estudou na Universidade de São Paulo, com destacada produção acadêmica na área da sociologia da religião. Sua trajetória acadêmica se relaciona também com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), instituição formada por egressos da USP que foram perseguidos (aposentados compulsoriamente) pela ditadura militar instituída em 1964. Não foi Cândido Camargo um dos aposentados compulsórios, tendo ele trabalhado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) e na USP. No CEBRAP, ocupou a presidência da instituição, sendo um dos principais intelectuais que ofertaram ao campo da sociologia da religião respeitabilidade acadêmica. Dos estudiosos até aqui citados, Cândido Procópio Ferreira de Camargo é o único que não teve formação religiosa protestante. De família católica, estudou em educandários católico-romanos.

O livro no qual apresentou uma análise sobre a esfera religiosa brasileira foi o clássico da sociologia da religião *Católicos, Protestantes e Espíritas*. Nessa obra, Camargo realizou uma profunda análise sociológica, com grande inspiração nos escritos de Max Weber. Não se tratava de uma reconstrução histórica da presença das principais opções religiosas no país, mas de uma tentativa do retrato da esfera religiosa brasileira dos anos 1970. Assim, trata-se de uma obra datada, elaborada antes da explosão pentecostal vivida pela sociedade brasileira após os anos 1980, mas que já constatava a maioria pentecostal

entre os protestantes (CAMARGO, 1973, 146-150). Importante lembrar que o livro organizado por Camargo contou com a colaboração de outros estudiosos acadêmicos das religiões, como os nomes de Beatriz Muniz de Souza, José Reginaldo Prandi, Melanie Berezowski Singer e Renata Raffaelli Nascimento. Uma das percepções de Camargo e dos demais autores era a do protestantismo histórico como ligado ao *ethos* da classe média brasileira, que via na moral do trabalho um meio de ascensão social, em uma sociedade que estava ainda presa ao *ethos* escravocrata, fortemente racista e de pouca valorização do trabalho no comércio e na indústria.

A crescente classe média brasileira, com suas características aspirações de sucesso e ascensão social, teve possibilidade de encontrar no “*ethos*” protestante estímulo para desempenhar novos papéis, religiosa e moralmente sancionados. Qualidades intrínsecas ao ascetismo protestante já analisadas por Max Weber — honestidade, moderação nos gastos, sobriedade, dedicação e habilitação para o trabalho, etc. — configuram-se de modo a ocasionar padrões de comportamento condizentes com o sistema capitalista, garantindo o sucesso alcançado pelas denominações históricas no Brasil (CAMARGO, 1973, p.144).

Essa possibilidade de compreender os protestantes brasileiros ligados ao *ethos* protestante em sua afinidade com o desenvolvimento do capitalismo brasileiro, que tem grande relação com o desenvolvimento urbano-industrial brasileiro após a Revolução de 1930, é de grande valia pois o trabalho, a pontualidade, a ideia de comprometimento, estava associada a essa nova classe.

Aspecto em que se revela também uma outra e importante relação entre a análise sobre o protestantismo brasileiro com a sua inspiração weberiana: a diferenciação entre os grupos protestantes. No caso de Weber em *A Ética Protestante*, quatro foram os tipos protestantes analisados: o calvinismo, o pietismo, o metodismo e o (ana)batismo (WEBER, 2015, 87-139). Os analistas brasileiros de inspiração weberiana, também se esforçaram por conseguir estabelecer os diferentes tipos de protestantes no país, o que Weber definiu do ponto de vista metodológico como “tipos ideais”⁵. Para Weber,

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento. É impossível encontrar

⁵ Para um entendimento mais aprofundado do conceito de tipo ideal, observar as análises de Julien Freund (FREUND, 1987, p.47-61), Xavier de Donato (DONATO, 2007, p. 151–177) e Richard Swedberg (SWEDBERG, 2018, p.181–196).

empiricamente na realidade esse dado, na sua pureza conceitual, pois trata-se de uma utopia (WEBER, 2016, p.252).

Mais que teorizar sobre as diferentes formas da utilização do conceito de tipo ideal, os analistas buscaram, de forma empírica, utilizá-lo como método de análise da ação social dos diferentes grupos evangélicos no país. Uma primeira constatação sobre as diferenças existentes entre os protestantes brasileiros foi explicitada por Roger Bastide, que no início dos anos 1960, no livro *Brasil- Terra de Contrastes*, apresentou as diferenças entre os alemães luteranos (BASTIDE, 1978, p.193-194). Um grupo ligado à igreja luterana da Alemanha, e majoritariamente presente entre as comunidades rurais, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, e, um segundo grupo, majoritariamente urbano, missionário, ligado ao Sínodo Luterano do Missouri, nos Estados Unidos da América; a IELB, Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Essa pertinente observação da diferença entre um protestantismo missionário de um protestantismo étnico foi corroborada pelo sociólogo Waldo Aranha Lenz César, no livro *Protestantismo e Imperialismo na América Latina* (CÉSAR, 1968, p.18), estudo que se tornou paradigmático na interpretação dos protestantes como “agentes dos Estados Unidos na América Latina”.

Cândido Procópio Ferreira de Camargo prosseguiu no desenvolvimento das tipologias para se compreender a presença protestante no Brasil: apontou o *protestantismo de imigração* e o *protestantismo de conversão*. E, relacionando esses dois tipos a uma conduta religiosamente motivada, permitiu, na análise de Camargo, uma ascensão social das famílias protestantes.

Há indícios de que analogamente à clássica interpretação de Max Weber sobre o protestantismo, teria também ocorrido no país ascensão social dos conversos e das gerações que a eles se sucederam, disciplinadas pela ética puritana. A classificação do protestantismo de “imigração” e conversão sugere a análise destes tipos não somente em termos de sua correlação com as categorias genéricas atrás delineadas, como também quanto às funções sociais especialmente por eles preenchidas no país (CAMARGO, 1973, p.131).

Desse modo, observou a diferença já apontada por Waldo César e Roger Bastide, sobre o protestantismo dos imigrantes, cujo maior destaque coube aos luteranos teuto-brasileiros, e a presença de um protestantismo com membros e líderes não eram culturalmente protestantes, mas conversos a um novo grêmio religioso que seria expresso em um novo cotidiano de vida, com a presença de novos hábitos. Todavia, a tipologia de

um protestantismo de conversão acabou caindo em desuso⁶. Ela não se mostrou útil para uma acurada compreensão dos eventos sociais que buscava analisar, por pelo menos dois dentre vários motivos que podem ser elencados: a centenária presença protestante no país e o processo religioso de conversão à igreja protestante, que faz entre os crentes uma diferenciação entre o convertido e o adesista. Assim, entre os membros de uma denominação evangélica, nem todos são considerados efetivamente convertidos. Por isso, o tipo ideal - “protestantismo de conversão” - acabou sendo substituído por outros tipos ideais, criados por Alves e Mendonça.

Nos mesmos anos 1970, quando Cândido Procópio Ferreira de Camargo apontou seu importante e pioneiro estudo sobre a esfera religiosa brasileira do pós-guerra, uma tese de livre-docência foi defendida na Universidade Estadual de Campinas (publicada em livro no início dos anos 1980) e teve profunda influência na visão de católicos progressistas e de muitos protestantes sobre a sua fé: *Protestantismo e Repressão*. A referida tese foi escrita por um dos principais nomes do protestantismo na América Latina, o professor, teólogo e escritor Rubem Azevedo Alves. Nascido em Boa Esperança, no interior mineiro, Rubem Alves foi reverendo da Igreja Presbiteriana do Brasil. Formou-se no Seminário Presbiteriano do Sul (Campinas-SP), fez pós-graduação no Seminário Teológico União, de Nova York e doutorado na Universidade de Princeton. Escreveu a *Teologia da Esperança Humana*, na qual foi desenvolvida a ideia de uma teologia da libertação de característica protestante. Alves se utilizou de Max Weber, Ernst Troeltsch e Paul Tillich para compreender o protestantismo. No tocante à tese weberiana da *Ética Protestante*, afirmou:

De forma alguma poderíamos incluir Max Weber entre os apologetas do Protestantismo. E muito menos entre os apologetas da modernidade (...). A análise de Weber não busca estabelecer uma relação causal entre o espírito do Protestantismo e o espírito do capitalismo, mas antes, uma relação funcional do primeiro em relação ao segundo: o espírito protestante é estruturalmente semelhante ao espírito do capitalismo e por isto mesmo adaptado a ele e adequado à sua expansão (ALVES, 1982, p.42).

Protestantismo e Repressão defendia uma ideia polêmica à época. Ao invés de se considerar o protestantismo brasileiro como uma religião ligada ao liberalismo enquanto ideologia social, Alves defendia que o protestantismo era uma religião que aprisionava os indivíduos em prisões imaginárias, que restringiriam as possibilidades de felicidade.

⁶ Em relação aos tipos ideais e sua possibilidade de utilização ou substituição por outros mais precisos, apontou Julien Freund: “Seu valor se deixa, pois, determinar unicamente por sua eficácia e sua fecundidade na pesquisa. Se não existirem ou tiverem extintas, é lícito ao sociólogo construir outros tipos ideais mais apropriados” (FREUND, 1987, p.52).

Segundo o autor, “*Deus nos deu asas. As religiões inventaram gaiolas*” (ALVES, 2010, p.73). Para denominar o protestantismo brasileiro como religião repressora aos indivíduos, Rubem Alves formulou três tipos ideais: o Protestantismo do Espírito, o Protestantismo do Sacramento e o Protestantismo da reta doutrina (ALVES, 1982, p.35-36). O Protestantismo do Espírito é o tipo ideal utilizado para pensar os pentecostais, como também os movimentos carismáticos no interior das igrejas históricas. O Protestantismo do Sacramento é o ligado à forma de devoção presente no anglicanismo e em parte no metodismo. Por sua vez, o maior destaque (e a maior repercussão) teve o tipo ideal Protestantismo de Reta Doutrina, o PRD, que buscava demonstrar a presença do fundamentalismo no Brasil. Esses tipos ideais foram por sua vez já apontados no estudo realizado anteriormente por Emile G. Leonard, em *Protestantismo Brasileiro: Estudo de Eclesiologia e História Social*. Para Leonard (LEONARD, 1963, p.337), existiriam o Cristianismo do Sacramento, o Cristianismo do Livro e o Cristianismo do Espírito (FERREIRA, 2008, 175). A justificativa de Rubem Alves para determinar a importância dos tipos ideais foi a seguinte:

Não é a amostragem, por meio de suas médias, que me revelará o objeto, mas antes uma construção ideal do objeto que me dará os critérios para buscar a amostragem que é significativa para meus propósitos. Em outras palavras, tenho que me valer de um tipo ideal. (ALVES, 1982, p.34).

Demonstrar que o protestantismo brasileiro poderia ser explicado por meio de um tipo ideal, o PRD (Protestantismo de Reta Doutrina), foi o foco central da tese de livre docência *Protestantismo e Repressão*. Esse esforço intelectual estava relacionado a uma dura crítica de Rubem Alves à sua denominação de origem, a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), que no período da Ditadura Militar acabou por ter uma postura de alinhamento ao Regime. Em especial, na atuação do principal líder da IPB, o reverendo Boanerges Ribeiro, autor de um sucesso editorial evangélico, o romance *Apóstolo dos Pés Sangrentos*, e que fora presidente da principal instância da igreja, o Supremo Concílio. Por discordâncias com a instituição, Rubem Alves se apartou da IPB em 1972. Com a criação da Igreja Presbiteriana Unida (IPU), que teve como principal líder o reverendo Jaime Wright, ele se agregou à IPU. Todavia, posteriormente, também dela se afastou.

O cerne da argumentação do “Protestantismo de Reta Doutrina”, como análise do cristianismo brasileiro reformado, pode ser medido como crítica ao fundamentalismo bíblico proposto por grupos norte-americanos no pós-guerra e que influenciaram a teologia e os posicionamentos políticos dos evangélicos no Brasil. Esta visão desabonadora do

fundamentalismo não era exclusiva de Rubem Alves. Outros teólogos também o criticaram, com destaque para Paul Tillich, autor do denominado “método teológico da correlação” e que na sua teologia sistemática, chegou a nominar o fundamentalismo como uma doutrina com aspectos diabólicos (TILLICH, 2005, p.21). A ideia do protestantismo brasileiro como uma máquina repressora, ligada ao PDR- o Protestantismo de Reta Doutrina, acabou formando o modelo explicativo dos principais núcleos no interior do protestantismo brasileiro associado aos grupos de esquerda teológica, com repercussões na política partidária e na sociedade civil.

Todavia, apesar de influenciar na autovisão dos intelectuais ligados às igrejas evangélicas sobre sua presença e missão no Brasil, essas categorias analíticas não foram amplamente utilizadas pelos historiadores e sociólogos que analisaram o protestantismo brasileiro. Eles foram (e ainda são) influenciados pelas categorias analíticas operacionalizadas pelo historiador Antônio Gouvêa Mendonça. Paulista da cidade de Arealva, foi pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, um grupo que se apartou da Igreja Presbiteriana no início do século XX, grupo esse liderado pelo reverendo Eduardo Carlos Pereira, pastor da Catedral Evangélica de São Paulo que não concordou ser lícito ao fiel cristão pertencer à maçonaria. Sem formação teológica, porém considerado vocacionado, foi elevado a reverendo pelo presbitério de Osasco, sendo, por sua vez, professor de História Eclesiástica no Seminário Teológico de São Paulo.

Antônio Gouvêa Mendonça, apesar de ter estudado Filosofia e ter feito doutorado em Ciências Sociais, acabou por ser considerado e por se considerar um historiador. Em seus estudos de pós-graduação realizados na USP, foi orientado por Duglas Teixeira Monteiro e Lísias Nogueira Negrão, sociólogos especialistas no estudo das religiões. Defendeu a tese de título *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. A tese foi publicada em livro (MENDONÇA, 1995), com edições pela Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos- ASTE e pela editora Pendão Real, da Igreja Presbiteriana Independente. Por último, em 2008, uma edição pela Editora da Universidade de São Paulo, o que apontou prestígio e consagração intelectual para a análise empreendida pelo historiador. No artigo *O Protestantismo no Brasil e Suas Encruzilhadas* buscou realizar um tipo ideal do protestante:

Em suma, o protestante é um indivíduo que professa uma religião individual, de consciência, que se inspira na interpretação direta e pessoal da Bíblia, pauta suas ações na ética racional do trabalho e na moral burguesa vitoriana. Sua racionalidade procura manter a distância a interferência do extraordinário no cotidiano, assim como sua individualidade o situa nos

limites mínimos do poder sacerdotal ou eclesiástico. É uma religião quase secularizada e se aproxima, mesmo quando institucionalizada, de uma religião civil. As igrejas são comunidades de fé e aprendizado religioso mútuo. A disciplina, que se prende mais a questões de ética, principalmente de moral, tende a se tornar elástica na medida em que, no gradiente seita-igreja, a comunidade se aproxima mais desta. Esse é o modelo, por que não dizer tipo ideal, do protestante histórico ou tradicional, ao qual se aplica bem, como já foi dito, o conceito de evangélico, mas que implica dificuldades quando generalizado para todos os cristãos não católicos (MENDONÇA, 1995, p.52).

Uma das questões empreendidas por Gouvêa Mendonça foi a de precisar as origens do termo “evangélico” entre os protestantes brasileiros, termo de predileção dos reformados no Brasil, a ponto de a primeira igreja protestante fundada por nacionais, em 1879, com a liderança do doutor Miguel Vieira Ferreira, ter o nome de Igreja Evangélica Brasileira (LEONARD, 1963, p.69). Apontou Mendonça a origem do termo “evangélico” no movimento evangelical norte-americano, com seus avivalismos e pregações itinerantes, em tendas, que visavam a “conversão do coração” do indivíduo.

Tal origem única do termo foi questionada pelo historiador luterano Martin Dreher, autor de um dos principais clássicos da interpretação da presença luterana no Brasil, o livro *Luteranismo e Germanidade* (DREHER, 1984). Professor da Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, localizada em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, indicou em *A Igreja Latino-Americano no Contexto Mundial* (DREHER, 2007, p.227-230) que além do movimento evangelical norte-americano, marcado pelos avivalismos, o termo evangélico estava relacionado diretamente à Reforma Alemã, sendo uma das origens do termo evangélico a concepção dos luteranos, que se autodenominam “evangélicos” (enquanto os calvinistas se autodenominam “reformados”). A produção historiográfica de Antônio Gouvêa Mendonça sobre a história do protestantismo no Brasil, em grande parte maior que a de outros intelectuais de mesma geração, apontou para a consolidação dos tipos Protestantismo de Imigração e Protestantismo de Missão (em substituição ao tipo Protestantismo de Conversão).

Em tempo, a presença da religião como uma possibilidade de se manter uma identidade em um país estrangeiro, foi uma característica não apenas protestante, mas viva em diversos grupos étnicos que vieram ao Brasil após a Proclamação da República, na qual a separação entre Igreja e Estado foi presente na Constituição de 1891. Assim, os grupos de homens e mulheres, que com sua prole buscavam uma vida melhor nos trópicos, puderam, no país, manter suas tradições religiosas. Foi desse modo que judeus em suas diferentes vertentes, assim como muçulmanos e cristãos ortodoxos, com a República,

puderam viver suas diferentes religiosidades (NEGRÃO, 2008, p.261-279). A paisagem das cidades brasileiras foi marcada pela presença de sinagogas e mesquitas, assim como igrejas católicas ortodoxas, que seguem rituais gregos ou ucranianos, como também os católicos maronitas. Nesse contexto, pensar que existe um protestantismo de imigração, possui uma grande plausibilidade empírica, pois grupos majoritariamente protestantes, como luteranos alemães e holandeses calvinistas, migraram ao país trazendo para o Brasil suas tradições religiosas. Em relação ao protestantismo trazido pelos imigrantes alemães, Martin Dreher foi o mais prestigiado estudioso brasileiro.

O protestantismo de missão, por sua vez, pode ser também considerado como um tipo ideal com forte carga de empiria. Uma das questões centrais é de a sua presença no Brasil não ter sido o grande movimento migratório global de europeus para o continente americano, vivido ao longo dos séculos XIX e XX. Tratam-se de igrejas que se formaram pela ação de missionários, que migraram para o Brasil com forte motivação religiosa. Assim, as igrejas que foram fundadas pela ação de indivíduos como o congregacional casal Robert e Sarah Kalley, ou o presbiteriano James Cooley Fletcher, entre tantos outros nomes, nos faz lembrar do sentimento de missão que foi uma das principais características do protestantismo nacional. No que tange ao protestantismo trazido pelos missionários, Antônio Gouvêa Mendonça foi o mais prestigiado estudioso brasileiro.

Todavia, podemos compreender na obra de Mendonça uma transição de Weber, analisado com Troeltsch e Tillich, para uma compreensão da obra weberiana a partir do olhar estabelecido por Pierre Bourdieu. Na esfera protestante, ao ser um dos principais líderes intelectuais do protestantismo brasileiro, foi justamente Antônio Gouvêa Mendonça (MENDONÇA, 1998, p.299-306) um dos principais divulgadores da noção de campo religioso, em sentido bourdesiano, para a análise da religião no país. Também buscou reestabelecer a contribuição de Roger Bastide, ao utilizar o conceito de “sagrado selvagem”, desenvolvido pelo antropólogo francês. Assim, temos em Mendonça uma transição na análise do protestantismo, de uma profunda inspiração weberiana para as influências bourdesianas, que hoje tendem a ser majoritárias entre sociólogos e entre alguns historiadores do protestantismo nacional.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de compreender o protestantismo brasileiro, na segunda metade do século XX, possuiu profunda inspiração nos escritos de Max Weber. Neste breve esboço,



pôde-se discorrer sobre dois aspectos importantes. A relação entre o protestantismo e capitalismo e a formação de tipos ideais.

Tal como em *A Ética Protestante*, a importância de se diferenciar os grupos protestantes, estabelecendo a eles, mais que as diferenças denominacionais, tipos ideais que possibilitam uma compreensão profunda da ação do indivíduo evangélico, foi uma efetiva e importante inspiração weberiana. Entre os diferentes tipos ideais construídos, observa-se que os tipos ideais Protestantismo de Imigração e Protestantismo de Missão foram os mais utilizados. Entre as possibilidades de compreendermos sua ampla utilização, podemos elencar alguns pontos: a presença da religião como uma das identidades étnicas dos imigrantes e a missão como uma das características dos protestantes advindos dos povos de língua inglesa (norte-americanos e ingleses).

As influências do pensamento de Max Weber para a compreensão do protestantismo no Brasil estão presentes, como buscamos demonstrar. Não como uma repetição mecânica das teses formuladas por Weber, mas como uma utilização mais profunda de sua metodologia de análise sociológica. Uma das questões centrais é que, por muitas vezes, essa ampla, profunda e popular influência da metodologia weberiana não é lembrada. Quando afirmamos sua popularidade, essa pode ser considerada na forma como os censos, organizados e realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tratam o protestantismo. Essa pode ser, com justiça, tida como uma das influências weberianas utilizadas para a compreensão do Brasil, pois os tipos ideais weberianos são utilizados pelos recenseadores na forma de organização dos dados sobre os evangélicos. Basicamente, variações entre os tipos ideais desenvolvidos pelos analistas do protestantismo brasileiro aqui mencionados. Um sinal que a força do pensamento do intelectual alemão é presente no país, ao ter sido absorvido pelos especialistas brasileiros na temática evangélica, além de ser utilizado pelo Estado brasileiro em suas análises de perfil populacional. Resta-nos observar se, com o atual avanço pentecostal e neopentecostal, nas próximas décadas, esses tipos ideais ainda serão utilizados pelos estudiosos da religião no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AGNOLIN, Adone. Debate entre História e Religião em uma Breve História da História das Religiões: origens, endereço italiano e perspectivas de investigação. **Projeto História** (PUCSP), v. 37, ano 2008, p. 13-39.
- ALVES, Rubem Azevedo. **Protestantismo e Repressão**. São Paulo: Ática, 1982.
- ALVES, Rubem Azevedo. **O Deus que eu Conheço**. Campinas: 2010.
- BASTIDE, Roger. **Brasil, Terras de Contrastes**. São Paulo: DIFEL, 1978.
- BELOTTI, Karina Kosicki. História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea. **História: Questões e Debates**, v. 55, 2011, p. 13-42.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CAMARGO, Cândido Procópio (et.al). **Católicos, Protestantes e Espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CÉSAR, Waldo Lenz. **Protestantismo e Imperialismo na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1968.
- CHACON, Vamireh. **Max Weber: A Crise da Ciência e da Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- DONATO, Xavier de. El carácter de los tipos ideales weberianos y su relación con las ciencias naturales. **Diánoia**, volumen LII, número 59 (noviembre 2007): pp. 151–177.
- DIEHL, Astor Antônio. **Max Weber e a História**. Passo Fundo, 1996.
- DREHER, Martin Norberto. **A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- DREHER, Martin Norberto. **Luteranismo e Germanidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- FERREIRA, Valdinei Aparecido. **Protestantismo e Modernidade no Brasil** (Tese de Doutorado). São Paulo, USP, 2008.
- FILHO, José Jeremias de Oliveira. **A Obra e a Mensagem: Representações Simbólicas e Organização Burocrática na Igreja Adventista do Sétimo Dia** (Tese de Doutorado em Sociologia). São Paulo: USP, 1972.
- FUENTE, María Yolanda Ruano de la. La presencia de Max Weber en el pensamiento español. Historia de una doble recepción. **Arbor**. 2007, p. 545-566.
- FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- LEONARD. Émile G. **O Protestantismo Brasileiro: Estudo de Eclesiologia e História Social**. São Paulo: ASTE, 1963.

- MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.
- MATA, Sérgio Ricardo da. O mito de 'A ética protestante e o espírito do capitalismo' como obra de sociologia. **Locus** (UFJF), v. 12, 2006, p. 113-126.
- MATA, Sérgio Ricardo da. Weberianismo tropical: caminhos e fronteiras da recepção da obra de Max Weber no Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 460, ano 2013, p. 77-108.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Gênese e Estrutura Atual dos Protestantismos Brasileiros Num Campo Religioso em Vias de Desordenação. **Lusotopie**, Auditório, v. 1, n.1, 1998, p. 299-306.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir: A inserção do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1995.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O Protestantismo no Brasil e Suas Encruzilhadas. **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, setembro/novembro 2005, p.56.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. República e Pluralidade Religiosa no Brasil. **REVISTA USP**, São Paulo, n.59 (setembro/novembro 2003), p. 144-163.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 23, 2008, p. 261-279.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Cadê nossa diversidade religiosa? In: Faustino Teixeira; Renata Menezes. (Org.). **As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 49-53.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Eleição 2010: Desmoralização eleitoral do moralismo religioso. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 89, 2011, p. 05-16.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. **Paradoxos da Modernidade: Cultura e Conduta na Teoria de Max Weber**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- SELL, Carlos Eduardo. História ou Sociologia? Max Weber e o debate sobre A ética protestante e o Espírito do Capitalismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. III, 2011, p. 173-197.
- SOUZA, Jessé Jose Freire de. Max Weber e a ideologia do atraso brasileiro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 38, 1998.
- SWEDBERG, Richard. How to use Max Weber's ideal type in sociological analysis. In: **Journal of Classical Sociology** 2018, Vol. 18(3), p. 181–196.
- TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo. Sinodal, 2005.
- TROELTSCH, Ernst. Igrejas e Seitas. **Revista Religião e Sociedade**. Ano 1987, p.134-144.

WEBER, Maximilian Karl Emil. **Economia e Sociedade**. Brasília; São Paulo: EdUNB - Imprensa Oficial, 2004.

WEBER, Maximilian Karl Emil. **Economia e Sociedade** (vol.2). Brasília; São Paulo: EdUNB -Imprensa Oficial, 2004.

WEBER, Maximilian Karl Emil. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WEBER, Maximilian Karl Emil. **Ética Protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WEBER, Maximilian Karl Emil. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2016.



Notas


TÍTULO DA OBRA

Max Weber e a compreensão acadêmica do protestantismo brasileiro: um breve esboço

Thiago Rodrigo da Silva

Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

thiagohstbr@yahoo.com.br

 0000-0003-2214-5115

LICENÇA DE USO

O autor cede à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade

HISTÓRICO

Recebido em: 20 de maio de 2020.

Aprovado em: 13 de agosto de 2020.

